

Cazumbá

JORNAL TURÍSTICO E CULTURAL DO MARANHÃO

R\$ 7,00 • ANO X • Nº 98 • SETEMBRO 2012 • SÃO LUÍS • MARANHÃO

www.jornalcazumba.com.br • E-MAIL jcazumba@gmail.com



Foto: Arquivo SETUR / Divulgação



São Luís IV séculos muitas histórias e encantos

Fundada por franceses, colonizada por portugueses e invadida por holandeses, a capital do Maranhão tem uma cultura diversificada, resultado da mistura de muitas raças.

Editorial

Cazumbá: A trincheira da encantaria de uma cidade guerreira

Às vésperas dos 400 anos de São Luís, a cidade se agita e exibe uma face multifacetada. Na verdade, as comemorações se referem ao Centro Histórico, elevado pela UNESCO à condição de Patrimônio Cultural da Humanidade. Lamenta-se o abandono da área, responsável direta pela atração dos turistas que se aventuram neste recanto do planeta. O acervo arquitetônico é magnífico, imponente, ímpar, e reflete o período áureo da capital.

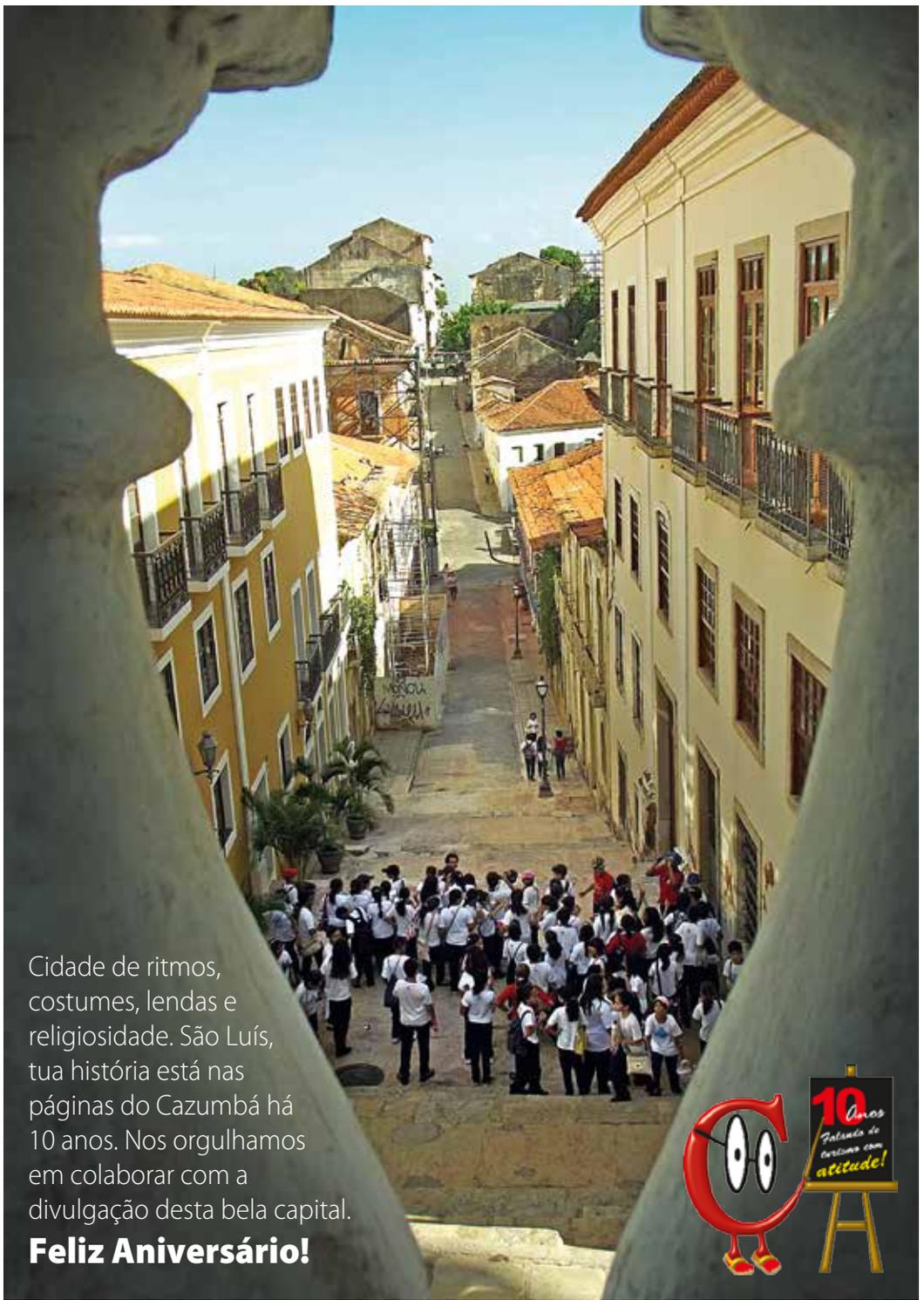
No rol das incertezas, esperava-se que no aniversário da cidade surgiram grandes melhorias no setor urbano, restaurações de peso no Centro Histórico, embelezamento ou reformas significativas do acervo arquitetônico, renovação na pintura das igrejas e outros monumentos, programação cultural aquecida, envolvendo a promoção de eventos com os nossos talentos na área da música, teatro, dança, folclore, literatura, cinema, vídeo, artes plásticas, lançamento de publicações relacionadas com o momento. Pouca coisa se vê em relação às expectativas.

Apesar das críticas de alguns estudiosos, historiadores e outros, que há alguns anos questionam a fundação francesa de São Luís, afirmando que a mesma funda suas raízes no mito, "é ao mito que cabe preservar a verdadeira história, a história da condição humana; falando de realidades e do modo como elas passaram a existir. Conhecer os mitos é aprender o segredo da origem das coisas". Então, que o mito fale...

Iniciativas que parecem quixotescas, contudo, continuam presentes, sobrevivendo às intempéries econômicas e ao nariz empinado da falta de visão histórica e da falta de apoio dos potenciais patrocinadores. Nesse rol, sobrevive de forma heróica o Jornal Cazumbá de Turismo, cuja contribuição intelectual à população maranhense é inegável. Tudo surgiu pelos corredores de uma das universidades de São Luís, quando o editor deste Jornal criou a proposta, visando falar e mostrar do jeito de ser do Maranhão para o próprio maranhense.

A ideia cresceu, vicejou, viu seus frutos se multiplicarem. São dez anos de uma caminhada que teve início no Dia Internacional do Turismo e Dia Turismólogo, 27 de setembro, ano de 2002, e que marca sua presença histórica neste momento de passagem pelos 400 anos de uma cidade tantas vezes cantada e decantada nas páginas do Cazumbá. São Luís não se encontra órfã, ela é acolhida por muitos de seus filhos, que tomaram banho em suas praias limpas, que se divertiram nos seus rios gélidos e transparentes, que se assustaram nas noites chuvosas e plenas de relâmpagos com o barulho dos cascos das mulas sem cabeça que puxavam a carruagem encantada de Ana Jansen.

São Luís ainda dorme abraçada pela serpente que repousa sua cabeça fantástica na Fonte do Ribeirão e, ainda, é embalada pela poesia de seus cantores, que sabem que a cidade faz o homem que nela vive e que respira a possibilidade de ressurgir do esquecimento de alguns através do seu passado de glórias e do seu presente guarnecido pelos guerreiros da cultura, que, ainda, esgrimam contra a obscuridade nas páginas de uma trincheira altaneira como a que aqui se encontra representada pelo Jornal Cazumbá, símbolo da mais digna resistência Turística, Cultural e Ambiental da nossa terra.



Cidade de ritmos, costumes, lendas e religiosidade. São Luís, tua história está nas páginas do Cazumbá há 10 anos. Nos orgulhamos em colaborar com a divulgação desta bela capital.

Feliz Aniversário!

Expediente

Editor Responsável

Reginaldo Rodrigues - SRTE 694/MA

Administração

João Rubem Nascimento

Executiva de Contas

Nailde Ribeiro

Coordenação de Jornalismo

Paula Lima - SRTE 920/MA

Reportagens

Anne Santos

Colaboração

Paulo Melo Sousa

Antônio Noberto

Beatrice Borges

Pesquisador e Historiador

Marcos Tadeu N. da Silva

Auxiliar Administrativo

Ana Kézia N. da Silva

Fotos

Reginaldo Rodrigues / Arquivo

SETUR-MA e SETUR-SL

Projeto Gráfico

Wedson de Sousa

Impressão

Gráfica Santa Clara

Tiragem: 5 mil exemplares

Contatos p/ artigos, críticas e sugestões:

Fone Fax: (98) 3199-0040 / 8701-

2750 / 8214-5279

jcazumba@jornalcazumba.com.br

reginaldorodrigues2010@hotmail.com

End: Av Daniel de La Touche, 1001, sala 106, Ed. Elaine, Cohama, CEP: 65074-115.

Valor da assinatura anual R\$ 82,00

O jornal Cazumbá não se responsabiliza por textos assinados, assim como pela opinião do leitor.



Yes. Mais perto de você.

Alugue seu carro na Yes. Presente em mais de 80 localidades.

Yes São Luis
(98) 3246-1500 . (98) 8115-1100
Av. Daniel de La Touche . Cohama
saoluís@yesrentacar.com.br

Reservas Nacionais
0800 709 25 35
www.yesrentacar.com.br

YES
ALUGUEL DE CARROS

Por: Paula Lima

São Luís, cidade de muitas histórias, celebra 400 anos



Foto: Reginaldo Rodrigues

Setembro de 1612. Os franceses desembarcam na Ilha de Upaon-Açu, terra dos Tupinambás. Começava aí o sonho de transformar estas terras abaixo da Linha do Equador, na França Equinocial. Nascia, assim, a cidade de São Luís, que celebra neste mês 400 anos.

Os relatos mais precisos sobre a chegada da missão francesa a São Luís foram feitos pelo padre Claude D'Abbevile no livro História da missão dos padres capuchinhos na Ilha do Maranhão e terras circunvizinhas, publicado em 1614. A obra é um dos mais importantes documentos históricos brasileiros.

Presente à solenidade de fundação da cidade, o padre faz, na obra, uma relevante descrição sobre a fundação da cidade e o início de sua colonização. O marco inicial de São Luís ocorreu com uma missa e procissão que reuniu colonizadores e índios na data em que se celebra o nascimento da Virgem Maria – 8 de setembro.

A procissão seguiu até o Forte Sant Louis, local escolhido para implantar a cruz de fundação da cidade. Logo após a implantação da cruz, o frade explica que houve comemoração. "Erguida a cruz [...] foi também benzida a Ilha, enquanto dos fortes e dos navios muitos canhoneiros se dispara-

vam em sinal de regozijo.

O sr. De Rasilly deu ao forte o nome de Forte São Luís, em memória eterna de Luís XIII, rei de França e de Navarra", descreve o frade no livro.

Sob o comando do português Jerônimo de Albuquerque, os franceses foram expulsos pelos portugueses em 1615. A curta estadia francesa e o fato de eles não terem construído uma cidade, mas apenas um forte, traz discussões sobre a fundação de São Luís, se foi pelos portugueses ou pelos franceses.

São Luís também esteve sob o controle holandês no período de 1641 a 1644. Somente depois desses ataques o governo colonial decidiu fundar o estado do Grão-Pará e Maranhão, independente do resto do país.

Mas foram os portugueses que deixaram marcas em São Luís. As ruas estreitas, calçadas de pedras e um conjunto de casarios coloniais que deram à cidade o título de Patrimônio Cultural da Humanidade, concedido pela Unesco em 1997, tornam a cidade um lugar único.

De cultura diversificada, São Luís é palco para lendas e festas populares que emprestam à cidade uma aura quase mística.

Aqui o profano e o sagrado se encontram em festas como o bumba meu boi, tambor de crioula, Festa do Divino Espírito Santo, entre outras.

De mente fértil e criativa, o sanluisense também traz no imaginário coletivo lendas como a da serpente encantada, manguda, carruagem de Ana Jansen e várias outras que povoam, por gerações, as mentes e corações de quem escolheu esta cidade mágica para viver e se encantar.



PROCARDIO

Ao lado da vida

**Urgência e Emergência
Hospital do Coração**

Rua do Apicum, 115 - Centro
Telefone: 98 - 2108 7000

Urgência e Emergência
Rua do Norte S/N
Telefone: 98 - 2108 7070



TRADE em AÇÃO

Por Paula Lima - Jornalista
paulaslimas@gmail.com
www.paulaslimas.blogspot.com



▶ Voo Internacional

O secretário de Estado de Turismo (Setur), Jura Filho, reuniu-se, no mês de abril, com o Cônsul da Itália no Maranhão, GianLuca Maria Bella. Também participaram o superintendente da Infraero em São Luís, Maria do Perpetuo Socorro, e do gerente de Operações da Infraero, Marcelo Angelim. O encontro discutiu a inclusão da capital na rota internacional de voos da Itália, além da logística necessária para a operacionalização. De acordo com Jura Filho, o objetivo é criar também oportunidades futuras de negócios que desenvolvam o setor. A ideia, segundo o Cônsul, é tornar possível um voo semanal já que a empresa Alitalia, considerada a maior do país, já opera o trecho Fortaleza.

Fotos: Reginaldo Rodrigues / Arquivo pessoal



▶ “Poder percorrer a orla de São Luís, depois parar numa das Baracas de Praia, comer um bom camarão, com a vista passeando pela imensa faixa de areia e se for no final de tarde, tem o charme especial. O pôr do sol de São Luís é indescritível. Não tem beleza igual”.

Jura Filho – Secretário de Estado do Turismo

▶ WTM 2013

A World Travel Market Latin America, WTM 2013, aconteceu de 23 a 25 de abril, no Transamérica Expo Center, em São Paulo, e é direcionado para agentes de viagens, operadores, profissionais do setor, além de instituições públicas. O Maranhão participou do evento com estande próprio, com pouco mais de 50m², dividido em área institucional, para atendimento ao público, operadores além da imprensa especializada. No espaço, há distribuição de material promocional, iguarias da culinária maranhense e degustação do guaraná Jesus. O local recebeu também ambientação com destaque para as paisagens turísticas do estado, localizadas nos polos São Luís, Lençóis Maranhenses e Chapada das Mesas. A Setur também participa do 39º Encontro Comercial Brazaoa, evento que acontece em paralelo à mega feira e que a partir deste ano passa a ser realizado em definitivo na WTM.

▶ Fórum de Turismo

A Secretaria de Estado de Turismo (Setur) realizou, no dia 24 de abril, o I Fórum de Turismo no município de Paulo Ramos, interior do Maranhão, com o objetivo de fomentar o desenvolvimento do turismo na região. Durante o encontro, o secretário Jura Filho, apresentou a política de turismo desenvolvida pelo Governo do Estado além dos projetos e programas de incentivo e capacitação. “Cada município, cada localidade tem o seu potencial. Precisamos, todos juntos, governo, município e setor privado, buscar estruturar os nossos atrativos”, explicou.

JOÃO PAULO
98 | 3131 1411

RENASCENÇA
98 | 3227 2684



A OPÇÃO CERTA PARA
GRANDES CONQUISTAS.





▶ “Curtir a programação dos cinemas da capital, ir a um bom Restaurante, descer e subir as ladeiras do Centro Histórico e apreciar o pôr do sol na Ponta D’Areia, é um programa imperdível. Enfim... São lugares que nos remetem a um paraíso perdido. Mas, é aqui mesmo em São Luís”.

Liviomar Macatrão – Secretário Municipal de Turismo



▶ “Quem sempre morou aqui, talvez não saiba a importância de alguns lugares de nossa capital. São tantos, e entre estes, cito a Praça Gonçalves Dias, a famosa GD – Largo dos Amores em frente a Igreja dos Remédios. Esse lugar marcou a minha infância. Ali brinquei muito, andei de bicicleta e também conheci minhas primeiras paqueras. Para mim, a GD Praça retrata muito bem São Luís. É claro que pode haver exceções, mas duvido!”.

Guilherme Marques - Presidente da ABAV/MA



▶ “As Praias de nossa cidade, porque a brisa do mar, a paisagem que todos os dias é diferente, traz renovação e alivia o stress do dia a dia”.

Ana Carolina Medeiros – Presidente da Skal Internacional do Brasil



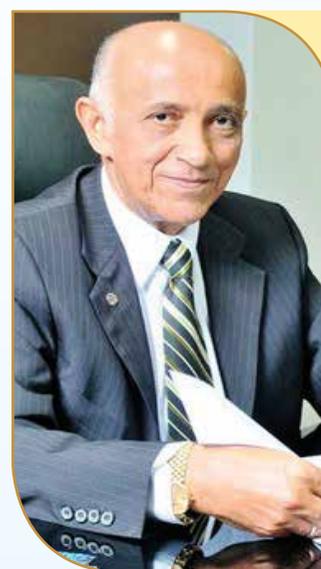
▶ “Em São Luís do Maranhão, um lugar em especial se localiza ao lado do viaduto do Palácio dos Leões, no promontório onde a cidade recebeu os franceses, em 1612. Aos domingos, ao final da tarde, meu pai levava a família para passearmos de carro pelo Centro Histórico de São Luís, e sempre passava pelo viaduto. Da janela do carro eu contemplava o pôr-do-sol e o mar. Quando comecei a flunar pela cidade, nunca deixei de ir até esse local justamente para apreciar o espetáculo do sol quente e me lembrar com saudade do meu pai, que já partiu. Esse lugar de São Luís é onde ainda sinto um pouco de paz e recarrego minhas energias para continuar na trilha”.

Paulo Melo Sousa - Jornalista



▶ “O que mais gosto na cidade é de sua arquitetura colonial e de toda sua História. Essa mistura do moderno com o antigo me deixa encantado”.

Prof. Dr. Roberto Serra - Coordenador Geral do UEMANET/UEMA



▶ “A força e a coragem do povo de São Luís se refletem em cada azulejo, em cada sacada, e isso me encanta. Já as praias da Ilha compõem o cenário perfeito para um pôr do sol ao lado daqueles que amamos, o que é certamente uma dádiva divina”.

Edilson Baldez – Presidente da FIEMA

Fotos: Reginaldo Rodrigues / Arquivo pessoal

A culinária do Maranhão e do mundo para você



Horário de funcionamento:
Almoço - 12:00 às 15:00 (Segunda a Sábado)
Jantar - A partir das 19:00 (Quinta e Sexta)
Eventos - Casamentos, formaturas, lançamentos, happy hour etc.

Restaurante SENAC
Praça Beneditino Leite – Centro Histórico
Reservas: 3195 1100



Por: Anne Santos

Riqueza arquitetônica da Ilha



Fotos: Reginaldo Rodrigues

O título de Patrimônio Cultural da Humanidade, concedido em 1997 pela Organização das Nações Unidas para a Educação e Cultura (Unesco), rendeu a São Luís o status de principal destino turístico do mundo.

A beleza e importância histórica do acervo arquitetônico da cidade foram decisivas para a

vitória pelo título.

A estrutura arquitetônica da cidade constitui-se em sobrados, casas térreas e solares, sendo, ao todo, cerca de 2,5 mil imóveis tombados pelo patrimônio histórico estadual e mil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), abarcando 250 hectares.

Entre as construções históricas a serem

destacadas, encontram-se o Palácio dos Leões (na foto), o Palácio de La Ravardière, a Catedral de São Luís, o Palácio Episcopal, o Convento das Mercês, as igrejas do Rosário e do Desterro, o Teatro Artur Azevedo, dentre outros.

Parte da estrutura arquitetônica foi revestida de azulejos pelos colonizadores, para amenizar o calor e evitar a umidade. A partir de então, a cidade passou a ser conhecida como “Cidade dos Azulejos”, que evidenciam o charme, até hoje exaltado em poemas.

Com o passar do tempo, a beleza do Centro Histórico exigiu um plano de recuperação que começou a ser executado na década de 70, sendo retomado em 1987 com o nome de “Projeto Reviver”.

Modernidade - Engana-se quem pensa que São Luís se resume a construções históricas. As pontes José Sarney e Bandeira Tribuzzi possibilitam a ligação entre o território detentor das construções tombadas e uma moderna cidade que oferece os mais diversos serviços de excelência.

Entre os mais belos cartões postais da cidade, figura a Avenida Litorânea, situada na praia de São Marcos. O local oferece bares de estrutura de madeira, cobertos de palha, e restaurantes em toda sua extensão, mas também tem espaço destinado à realização de atividades físicas e uma ciclovia. A Lagoa da Jansen não fica para trás, com seus 6 mil m² de áreas com restaurantes, botecos sofisticados e espaço adaptado à prática de esportes.

História contada em azulejos

Atenas Brasileira, Ilha do Amor, Jamaica Brasileira, Ilha Rebelde, Capital Brasileira da Cultura, Cidade dos Mirantes, Cidade Patrimônio da Humanidade, Cidade dos Sobrados. São diversos os epítetos de São Luís, mas nenhum é tão representativo quanto o de Cidade dos Azulejos. A quatrocentona São Luís é uma das cidades brasileiras com maior predominância desses exemplares do período colonial e imperial e o segundo maior acervo português do gênero no mundo (perde só para Lisboa).

Conforme o Catálogo dos Azulejos de São Luís, publicado em 2004, são 423 imóveis com azulejos históricos em São Luís. As peças importadas da Europa (Inglaterra, Bélgica, França, Alemanha, Espanha, Holanda e Portugal) datam dos séculos XVIII, XIX e início do século XX e estão espalhados por 220 hectares do Centro Histórico da capital maranhense.

A maioria dos azulejos é de origem portuguesa e de padrão estampilha. A identificação da procedência é feita observando a marca da fábrica no verso da peça, o que torna o trabalho difícil.

Outros tipos são os decalcomania, liso, majólica, marmoreado, de relevo, além de cercaduras e frisos. Ao todo, já foram identificados 312 tipos



distintos de azulejos. A maioria é disposta nas fachadas, varandas, corredores principais e escadas dos imóveis, assim como capelas e outros ambientes.

De acordo com a pesquisadora Zelinda Lima, que estuda a azulejaria há mais de 20 anos, a tradição continua forte até hoje. “A arte azulejar sempre foi muito forte no Maranhão, não só pelas peças antigas, mas por tudo o que é feito até hoje. A grande base do nosso artesanato é palha, linha e *souvenir* de azulejo”, afirma ela.

Exposição

Quem não puder percorrer as ruas do Centro Histórico de São Luís para conhecer os azulejos de

capital, pode ter contato com exemplares reunidos no Museu de Artes Visuais, localizado na Rua Portugal, na Praia Grande. A visita acontece de terça-feira a domingo, das 9h às 18h.

No local, são encontradas peças do início do século XVIII, do século XIX e do século XX que representam o revestimento de casarões antigos erguidos em São Luís e que registram características que revelam a riqueza de cores e estrutura dos azulejos.

São mostrados azulejos que apresentam a forma de alisares com enquadramentos retilíneos e elementos decorativos policromos em que predominam os florões, as grinaldas, as plumas e os medalhões com paisagens, entre outras peças.

O conjunto mais raro da exposição do museu é datado de meados do século XVIII. Cada um dos azulejos tem o tamanho padrão de 13 centímetros quadrados, a técnica de pintura adotada é a majólica – pinturas à mão.

Na exposição é mostrada ainda a evolução da produção de azulejos. A partir do século XIX, por exemplo, os azulejos passaram a ser produzidos pela técnica de estampilha – um tipo de chapa –, de fabricação semi-industrial. Somente no século XX a produção de azulejos foi mudada, tornando-se totalmente mecânica.

Entrevista

CÉSAR NASCIMENTO

Ilha Magnética: Canções em exaltação à beleza de São Luís

O cantor e compositor maranhense César Nascimento fala sobre o projeto Ilha Magnética e declara seu amor pela cidade.

O cantor e compositor César Nascimento desenvolveu sua formação e trajetória musical pelo norte e nordeste. Conviveu com a tribo musical de São Luís e pulsa em suas veias o reggae de salão, o bumba meu boi e o tambor de crioula. A sonoridade singular do seu trabalho é resultado do convívio com esses ritmos maranhenses, a levada peculiar do seu violão e outros ritmos urbanos. Suas letras deságuam na fonte poética. Aos 16 anos no Rio de Janeiro começou sua carreira na banda de Rock Vale do Som. Participou de diversos festivais musicais e de volta ao Maranhão em 1982 foi consolidando sua carreira fazendo diversos shows na capital e interior. Em 1998 voltou ao Rio e juntou-se a Carlinhos Veloz numa parceria chamada: Baião de 2, realizando shows dentro e fora do Estado fluminense e fora do Brasil. César Nascimento lançou como uma grande homenagem aos 400 anos da cidade de São Luís o primeiro DVD (Ilha Magnética) da sua carreira retomando suas raízes musicas e matando a saudade de São Luís.

Foto: Reginaldo Rodrigues



Jornal Cazumbá - Fale do seu primeiro contato com a música? Qual sua cidade de origem e data de nascimento?

César Nascimento - Fui formatado e criado em Caxias (MA), nascido em Teresina (PI) em 09 de junho de 1961 e faço parte da tribo musical de São Luís do Maranhão. Cresci ouvindo minha mãe cantando as músicas da época do rádio, os discos de rock dos meus irmãos misturados aos de samba (Martinho da Vila, etc.) da minha tia e sintonizado nas rádios AM caribenhas que eu pegava na madrugada fria de Caxias.

JC - Quais suas principais influências musicais?

CN - Sou influenciado por tudo que é percussivo e tribal. Tenho uma ligação muito forte com os ritmos do Maranhão, e muito amor pelas coisas do Brasil. As minhas levadas de violão traduzem esta relação. Tenho composições com base no tambor de crioula (Maranhão), no maracatu (Pernambuco), no samba (Rio de Janeiro) e tenho influência de ritmos estrangeiros como o reggae, que é muito forte em São Luís.

JC - Fale da sua formação musical ?

CN - Sou autodidata, embora tenha cursado por seis meses a Escola Vila Lobos, no Rio de Janeiro. Toco violão com o prazer e o instinto de quem está descobrindo um instrumento que produz sons. Tenho uma oficina de percussão chamada "Crivador, matraca e pandeirão: uma viagem pelos ritmos do Maranhão", na qual divido os meus conhecimentos rítmicos a respeito do tambor de crioula e do bumba meu boi com os participantes. Também tenho um estúdio caseiro, onde exercito arranjos e estudo um pouco de técnica de gravação.

JC - Fale da sua iniciação na carreira musical?

CN - Na minha adolescência, morei no Rio de Janeiro, onde tive uma banda de rock chamada Vale do Som. Em seguida fui pra São Luís, quando participei de vários festivais, discos coletivos e comecei a fazer shows em teatros e criar meu próprio público.

JC - Quantos discos lançados ? Quais os títulos e ano de lançamento? Quais as músicas de destaques?

CN - Gravei oito discos solo e três coletivos:

1985 - PROJETO VIVA - LP COLETIVO - música (s): FORROCKEANDO

1989 - ILHA MAGNÉTICA - LP SOLO - música(s): ILHA MAGNÉTICA E NORDESTE DE FULÔ

1990 - SEGUNDA DE ARTE - LP COLETIVO

1992 - CÉSAR NASCIMENTO - LP SOLO - música(s): BOLHA DE SABÃO

1993 - REGGAE SANFONADO - CD SOLO - música(s): REGGAE SANFONADO

1995 - O RADINHO - CD SOLO - música(s): O RADINHO e MAGUINHA DO SÁ VIANA

1997 - INTERNETion@a1 - CD SOLO - música(s): ILHA MAGNÉTICA E NORDESTE DE FULÔ

1998 - BAIÃO DE 2 - CÉSAR NASCIMENTO - CARLINHOS VELOZ

2000 - PESCADOR DE SEREIA - CD SOLO - música(s): TODO VERÃO

2002 - SERENIN - CD SOLO - música(s): SERENIN

JC - Fale sobre o seu trabalho mais recente?

CN - Lançei o DVD Ilha Magnética, que reúne sucessos já consagrados entre o público maranhense, conta também com participações mais que especiais de artistas célebres no Maranhão. O trabalho foi gravado em São Luís, nos Lençóis Maranhenses, Alcântara e no sul do estado. Quisemos preparar este DVD como um passeio no Maranhão, fomos gravar nas cachoeiras e em diversos pontos do estado.

JC - E quanto a sua carreira no Maranhão e nordeste?

CN - Estas são as nossas "bases", pelo fato de, lá, termos feito uma maior divulgação. Principalmente no Maranhão e arredores, nossa música é bastante conhecida e apreciada. No Pará, fiz muitos shows em função do estouro da música "O Radinho". O Maranhão é a fonte, onde vou renovar minha energia criativa em todo período de carnaval e de São João. É lá que tenho um público cativo para o qual faço questão de apresentar as novidades.

JC - Fale da sua experiência profissional no Rio de Janeiro? E porque escolheu essa cidade?

CN - Tenho uma relação antiga com o Rio, pois aqui vivi parte da minha adolescência. Além disso, o Rio é também uma cidade inspiradora por sua beleza e sua efervescência cultural. Por aqui estou tendo a oportunidade do acesso a uma mídia de grande alcance, além de poder ser um divulgador da beleza e da cultura de um Brasil chamado Maranhão. Bem como de conhecer e conviver com outros brasileiros que também fazem arte por aqui.

JC - Defina seu trabalho musical ?

CN - Um som universal que passa pelo tambor do Maranhão-Brasil.

JC - Quais os prós e contras que você já enfrentou e enfrenta na carreira musical?

CN - Olha, se eu estiver pescando e tiver apetite, eu separo um peixe e como. Se eu estiver com alguém, divido. E é desta forma que conduzo minha carreira musical e minha vida. Todo desafio, quando superado, é prazeroso. Assim, os prós e os contras se confundem com os caminhos percorridos.

Por: Paulo Melo Sousa

O jeito maranhense de falar

A linguagem popular do Maranhão já mereceu estudos de vários autores. Cabe destacar, nesse contexto, o pioneirismo do pesquisador maranhense Domingos Vieira Filho, que foi grande conhecedor da história e do folclore maranhense. Embora com grande produção cultural, Vieira Filho ainda está com a sua obra a ser devidamente catalogada e publicada em livros, já que boa parte da produção do escritor se encontra espalhada em jornais e revistas.

Domingos Vieira Filho foi advogado, escritor, jornalista e professor do Departamento de Direito da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, presidente da Fundação de Cultura do Maranhão, diretor do Departamento de Cultura da Secretaria Estadual de Educação e Cultura, membro do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, e membro da Academia Maranhense de Letras - AML. Publicou o livro "A Linguagem Popular do Maranhão", no qual se encontram diversas expressões ainda hoje bastante comuns na linguagem coloquial maranhense. Dentre elas se destacam, por exemplo: sossegar o facho (aquietar-se), cheio de nove horas (pessoa complicada), dar um tiro na macaca (ir ficando sem casar), fala mais que a nega do leite (que não fecha a matraca), ficar com com cara de Nhô Zé (ficar desconcertado), dentre tantas outras. O escritor deu grande contribuição para a compreensão da realidade linguístico-cultural do estado.

Numa de suas obras, intitulada Populário Maranhense (bibliografia), que deixou inédito e que foi publicado em 1982, Domingos Vieira Filho enumera uma série de textos de vários pesquisadores que se debruçaram sobre a linguagem popular do Maranhão, dentre os quais Antônio de Oliveira, Clóvis Sena, Waler Spalding e Luso Torres, dentre outros. Na primeira de copas (na primeira oportunidade), a então Secretária de Cultura do Estado, Arlete Nogueira da Cruz Machado, publicou a obra do ilustre pesquisador. Domingos Vieira Filho faleceu cedo, deixando, desde o tempo da janambura (tempo antigo), outros livros ainda à espera de publicação.

Além de Vieira Filho, vários pesquisadores maranhenses já se debruçaram sobre a linguagem popular maranhense. Podemos destacar os trabalhos de Ramiro Azevedo, Maria do Socorro Monteiro Vieira e Elenice Vieira Melo, publicados entre as décadas de 70 e 80 do século passado. Vale citar também um pequeno dicionário elaborado por José Raimundo Gonçalves, no qual o escritor enfeixou inúmeros termos e expressões maranhenses, sem que nos esqueçamos



da lúcida contribuição do historiador Carlos de Lima, recentemente falecido, integrante da AML, que publicava semanalmente algumas pérolas sobre o nosso linguajar no jornal O Estado do Maranhão.

Mais recentemente, cabe destacar o trabalho desenvolvido através do Projeto ALIMA, desenvolvido pelos professores Conceição de Maria de Araújo, José de Ribamar Mendes Bezerra e Maria de Fátima Sopas Rocha, que estão contribuindo, no âmbito acadêmico para o entendimento de algumas expressões que se repetem na fala dos maranhenses. Há um ano, surgiu também um importante trabalho sobre a temática, com a publicação do livro "Na ponta da língua: palavras e expressões do vocabulário maranhense, de autoria de José Neres e Lindalva Barros (São Luís: Edição Virtual, 2011), que lista uma grande quantidade de expressões e de palavras de uso comum entre os maranhenses.

Apesar das pesquisas já realizadas, ainda existe um longo percurso a ser palmilhado pelos estudiosos sobre a linguagem popular do

Maranhão, em razão da ampla contribuição das línguas faladas pelos povos formadores da nossa identidade cultural, destacando-se a contribuição indígena, africana e portuguesa.

Algumas expressões ou palavras do linguajar maranhense:

NIGRINHA – Corruptela da palavra negrinha. Palavra geralmente usada como forma de ofensa.

OBRAR – Verbo utilizado como sinônimo de defecar.

PAIDÉGUA – Pessoa, coisa ou ação de grande valor.

PANDU – Mistura de farinha e café (que pode ser com ou sem leite), geralmente feita diretamente no copo. O alimento é bastante apreciado em algumas regiões do Maranhão.

PATACHO – Tipo de facão que tem a lâmina larga ou quadrada, muito usado por quem trabalha na roça.

PEBA – Além de referir-se a uma espécie de tatu, como foi nacionalmente divulgado pela música Peba na Pimenta, de João do Vale, a palavra peba também serve para designar algo ruim ou de pouca qualidade.

PÉ-DE-PANO – Amante.

PIQUENO/A – Corruptela da palavra "pequeno". Geralmente essa palavra é utilizada como sinônimo de menino, menina, criança ou de pessoa desagradável.

PITÓ – Mecha de cabelo curto geralmente amarrado no topo da cabeça.

PUACA – Poeira bastante fina que costuma cobrir os móveis ou que fica suspensa no ar.

PULTRICA – Brincadeira. Malabarismo.

QUALHIRA – Palavra de origem incerta usada para designar o homossexual masculino.

QUILA – Mau cheiro exalado pelo corpo humano sujo.

RALHAR – Dar uma bronca em alguém. Reclamar de algo.

RI-RI – Arcaísmo formado a partir de uma onomatopeia. Sinônimo de zíper.

SABOEIRA – Palavra utilizada para designar a mulher homossexual.

SUDENGUE – Soco ou pancada aplicada em alguém, bogue.

Entrada Parcelada

Garantia de Mecânica

seminovos
Duvel
O seu caminho é VOCÊ quem faz!

CALHAU - 3216 3100 • ANGELIM - 2108 3900 • CENTRO - 2108 3144

Por: Paula Lima

Foto: Divulgação



Magia em cada palmeira

O hino de São Luís entoa "Ó minha cidade, deixa-me viver, que eu quero aprender tua poesia. Sol e maresia, lendas e mistérios...". Tal como o sol e a maresia, as lendas e os mistérios são componentes fundamentais do cenário ludovicense.

Procurando dar explicação a acontecimentos misteriosos ou sobrenaturais, o imaginário popular maranhense perpetuou histórias de fantasmas, carruagens assombradas e animais encantados, contadas pelos ludovicenses até os dias atuais.

Há, ainda, no Maranhão quem espere pela volta de Dom Sebastião, monarca português que desapareceu no norte da África, possivelmente

na região onde hoje fica o Marrocos, durante a batalha de Alcácer Quibir, no século 16. No imaginário maranhense, o rei, que jamais retornou a Portugal, volta na forma de um touro encantado, com uma estrela na testa. Quem acertar a estrela despertará a serpente ou até mesmo trará de volta Dom Sebastião.

Serpente Encantada - Reza a lenda que existe uma serpente adormecida habitando as galerias subterrâneas do Centro Histórico de São Luís, na altura da Fonte do Ribeirão. Segundo a história, no momento em que a cabeça da serpente encontrar a cauda, a ilha vai desaparecer no oceano.

Ana Jansen - Conhecida por sua perversidade

e pelos maus tratos de escravos, que incluíam desde açoites até dentes e unhas arrancados, Ana Jansen marcou presença na vida econômica, social e política de São Luís, no século XIX. Conta a lenda que a assombração de uma mulher deformada pelo fogo aparece de madrugada nas ruas da cidade conduzindo velozmente uma carruagem em chamas puxada por enormes cavalos sem cabeça e conduzidas por escravos também decapitados. Quem estiver na rua recebe da temível mulher uma vela que, ao amanhecer, se transforma em osso de defunto.

Verdade ou não, é fato que essas lendas ainda sobrevivem no imaginário popular.



Quando um ludovicense viaja, leva 400 anos de histórias na bagagem. Parabéns, São Luís.

Há 40 anos, a CVC faz tudo por uma boa viagem. São centenas de pessoas cuidando de todos os detalhes para você não se preocupar com nada e só aproveitar. É uma equipe preparada para atender você 24 horas por dia, do início ao fim de sua viagem, dando apoio total durante a compra, embarque, traslados, hospedagem, passeios e volta para casa. E o melhor: sempre com preços e condições excelentes. É por isso que, além de ser a maior da América Latina, a CVC é a operadora de turismo preferida dos brasileiros. Vá até uma das nossas lojas ou consulte seu agente de viagens e descubra a diferença entre uma viagem e uma boa viagem.

Shopping Sao Luís.....(98) 4009-2800
Atlanta Center.....(98) 4009-2700

Imperatriz.....(99) 3321-3011
Shopping do Automóvel.....(98) 4009-2600

Shopping da Ilha.....(98) 3311-8200
Loja São Marcos Center.....(98) 3227-2811



Belezas Naturais da Ilha

Quem visita São Luís talvez nem imagine a infinidade de belezas naturais que por aqui podem ser encontradas. Não é apenas um conjunto paisagístico e arquitetônico do Centro Histórico que chama atenção. As praias, as dunas e o sol, combinados com a culinária, é um dos cenários mais procurados por quem quer se livrar da agitação do dia-a-dia.

A famosa canção que faz referência à ilha de São Luís já diz, “eu sempre vou ouvir a natureza me falando que o amor nasceu aqui”. Banhada pelas águas da Baía de São Marcos e do Oceano Atlântico, São Luís não vive apenas dos famosos azulejos e casarões, mas também de calor combinado com brisa marítima, que faz irresistíveis seus 150 km de praias de águas turvas, com a Praia da Ponta da Areia, de São Marcos, do Calhau, do Olho d’Água e do Araçagy.

A condição de ilha favorece a prática de esportes aquáticos e náuticos. Os ventos fortes de julho a dezembro somados à grande amplitude das marés tornam as praias maranhenses ideais para a prática de esportes como o *kitesurf*, vela, *bodyboard*, caiaque, *windsurf* e *surf*.

Além das praias, a cidade é atravessada pelos rios Anil e Bacanga, e conta, ainda, com uma extensa área de manguezal e quatro áreas de preservação ambiental: o Parque Estadual do Bacanga, Parque Estadual do Itapiracó, Área de Proteção Ambiental do Maracanã e Parque do Diamante.

Turismo lado B

A quatrocentona São Luís esconde riquezas naturais e turísticas lindas, mas pouco populares. É o caso da Praia de Ponta Verde, próximo ao bairro Sítio do Apicum, e a Praia do Manguê Seco, nas imediações do bairro do Araçagy. São

lugares belíssimos.

Outra sugestão é a Praia de Itapotia, no município da Raposa. Quem for por lá não vai se arrepender.

A Ponta do Bonfim é outro cenário que tem despertado o interesse de ludovicenses e turistas por novos olhares da Cidade. Quem tiver a curiosidade de conhecer a Ponta do Bonfim vai se deparar com uma das vistas mais privilegiadas da Ilha.

Trilhas ecológicas no Maracanã

Entre os meses de outubro e novembro, a Festa da Juçara, uma das comemorações mais tradicionais da capital maranhense, sempre movimentam o bairro do Maracanã, localizado a 25km do centro da Cidade. Mas hoje não são apenas os juçarais e os derivados do seu fruto que atraem o visitante para a comunidade. As trilhas ecológicas passaram a ser um atrativo turístico que já fazem parte do roteiro de quem gosta do contato com o patrimônio natural da região visitada. São os rios, vegetação típica e as ruínas históricas, que encantam.

Trilha Rosa Mochel - Essa trilha está localizada em uma área que pertenceu à família Rosa Mochel e atualmente se encontra em um bom nível de conservação. Durante o trajeto é possível encon-

trar vários tipos de espécies da flora e da fauna da região. As pessoas que percorrerem a trilha terão oportunidade de conhecer mais profundamente essas espécies através de informações de agentes ambientais. A trilha tem o nome da maranhense Rosa Mochel, em reconhecimento à sua grande atuação como ambientalista na área do Maracanã. Foi a partir do seu interesse pelas questões ambientais e da sua luta como ambientalista que teve início a Festa da Juçara.

O acesso à trilha se dá através do antigo Hotel Fazenda, no próprio sítio da família Rosa Mochel. O tempo de duração do passeio é de uma hora e meia.

Trilha Baluarte - O visitante verá uma paisagem de rara beleza composta de ruínas, lagos e vegetação, unindo história, lazer e aventura. Na Trilha do Baluarte estão presentes destroços dos Poços de Pedras, da Igreja de São Benedito e também está incluída no passeio a visita aos Fornos de Olaria. Faz parte ainda deste simpático roteiro o antigo Porto Grande. São relíquias que lembram aos visitantes importantes momentos históricos. Todos remontam do século XIX, época da ocupação do interior da ilha e que outrora fizeram parte do cotidiano da população residente na Fazenda Bacuri, onde está situada a referida trilha, na zona rural de São Luís do Maranhão. É nessa trilha que os visitantes têm a oportunidade de contemplar as



palmeiras imperiais, ameaçadas de extinção. Todo o trajeto é de muita preciosidade e encantamento e dura cerca de duas horas.

Trilha do Parque da Juçara ou Joca Guimarães - Ao percorrer este roteiro, o visitante conhece o rico ecossistema do Maracanã. A trilha recebe esse nome devido ao fato de atravessar o Parque da Juçara, local onde acontece a mais conhecida festa da região. Visitar esta trilha é conhecer toda a beleza que existe no bairro do Maracanã, como o rio Ambude, contornado por uma área bastante arborizada, principalmente pelos juçarais.

Ponta do Bonfim

Localizado no bairro da Vila Nova, na conhecida área Itaqui-Bacanga, a Ponta do Bonfim agrega em sua proximidade praias bonitas, como a Praia da Guia. Para chegar até lá basta seguir pela Avenida dos Portugueses, onde está localizado o campus sede da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), até a entrada principal do bairro do Anjo da Guarda (em frente à Estação de Passageiros da Vale). Depois é só seguir rumo ao Hospital Aquiles Lisboa (antiga Colônia do Bonfim) e você vai encontrar uma das vistas mais bonitas da cidade.

Praia de Ponta Verde

A praia de Ponta Verde é um dos atrativos turísticos do município de São José de Ribamar. É uma praia geralmente frequentada pela comunidade moradora do entorno e é formada por falésias, belezas naturais e casas de veraneio. A natureza ainda intocável do lugar e o pouco movimento de pessoas são boas pedidas pra quem

quer curtir horas de sossego. O acesso é feito pela estrada para Panaquatira.

Praia Mangue Seco

A praia do Mangue Seco, localizada na fronteira entre o Araçagi e a Raposa, fascina pelas suas dunas de areias finas e manguezais exuberantes. A praia é cortada por canais que são invadidos pelas marés, formando pequenas lagoas de águas esverdeadas que fazem do lugar alvo de muitos turistas em busca de um refúgio tropical. Entretanto, para aproveitar bem o local, é preciso tomar alguns cuidados durante a enchente das marés. Os canais de areias fofas

tornam-se um grande perigo para quem ousa atravessá-los com a maré cheia, pois a força das águas deixa-os mais fundos.

Praia de Itaputua

Localizada na Ilha de Itaputua, a praia de mesmo nome é muito discreta e chama atenção pela tonalidade da cor de sua água, em tom verde esmeralda. Existem duas opções para chegar até lá: de barco, em um passeio fantástico, partindo do Viva Pescador, ou por uma trilha ainda não estruturada, partindo do bairro Juçara. Também é recomendável o acompanhamento de guias ou condutores locais.



Monumentos de São Luís: tesouros mundiais

O traçado de seus azulejos, o ladrilho de suas ruas, a alegria de seus festejos, a magia de seu folclore, a hospitalidade de sua gente fazem de São Luís não ser apenas uma cidade. É uma pátria eminentemente histórica e de riquezas imensuráveis.

Um dos principais atrativos da quatrocentona São Luís são seus monumentos históricos. Os principais são: Azulejaria, Convento das Mercês, Igreja da Sé, Palácio dos Leões, Praça Gonçalves Dias, Rua Portugal e o Teatro Arthur Azevedo. Os sete tesouros do Patrimônio Cultural Material de São Luís foram escolhidos através de uma votação popular, de cerca de seis mil pessoas, de todo o Brasil, numa disputa que abrangeu 32 pontos turísticos. E estão incorporados à Lista Representativa do Patrimônio Cultural Material do Mundo, do Bureau Internacional de Capitais Culturais.

O Bureau Internacional de Capitais Culturais e a Prefeitura de São Luís, através da Secretaria Municipal de Turismo (Setur), estão promovendo os sete tesouros de São Luís no Brasil e no exterior com o objetivo de que esses pontos transformem-se em novo atrativo turístico, aumentando desta forma o turismo cultural internacional para a cidade.

CONHEÇA OS 7 TESOUROS:

AZULEJARIA - No Centro Histórico de São Luís existem cerca de 3.550 prédios considerados históricos. São edificações com azulejos de fachada oriundos de vários países da Europa, mas principalmente de Portugal. O maior conjunto de

fachadas desses azulejos fica na Rua Portugal, onde estão a secretaria de cultura do estado e Museu de Artes Visuais.

CONVENTO DAS MERCÊS - Construído em 1654 e tombado como Patrimônio Histórico Nacional, o convento foi inaugurado pelo padre Antônio Vieira, e nele funcionou o Convento da Ordem dos Mercedários.



IGREJA DA SÉ - Tem o nome original de Nossa Senhora da Vitória - construída pelos jesuítas no ano de 1762 em homenagem à santa que, de acordo com a lenda, apareceu na Batalha de Guaxenduba para proteger os portugueses, que estavam em minoria, e lutavam para expulsar os franceses das terras maranhenses.

TEATRO ARTHUR AZEVEDO - Inaugurado em 1817 com o nome de Teatro União, em homenagem à criação do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves (1815), resultado da vinda da

família real portuguesa ao Brasil. Destaca-se pelo luxo e tamanho, com capacidade para cerca de mil pessoas. Na década de 1920, ganhou o nome atual em homenagem ao grande dramaturgo maranhense Arthur de Azevedo (1855-1908). Recebe centenas de visitas diariamente através do turismo e das apresentações culturais que acontecem periodicamente.

PALÁCIO DOS LEÕES - Sede do governo do estado do Maranhão, situado no centro histórico da cidade de São Luís. Erguido no séc. XVII, é um dos maiores símbolos da cultura maranhense. Sua história, arquitetura e seus bens artísticos, fazem do Palácio um dos pontos turísticos mais visitados da capital maranhense.

PRAÇA GONÇALVES DIAS - À frente da Igreja dos Remédios é também chamada pelos maranhenses de Largo dos Amores e que dizem ter o mais belo por do sol do mundo. Ela abriga o monumento do poeta romântico Gonçalves Dias, teve sua pedra fundamental lançada em 1872 e foi inaugurada em 1873.

RUA PORTUGAL - Localizada no bairro da Praia Grande, próxima à Casa das Tulhas, agrega alguns dos principais sobrados, ruas e becos do Centro Histórico. No local acontecem várias atividades culturais e de comércio nativo. Tem o maior número de casarões com azulejos na capital maranhense, totalizando seis edificações ornamentadas com a peça.

Biomedicina Faculdade São Luís A única do Maranhão com este curso

A Biomedicina, no Brasil, está completando em 2011, 45 anos de existência. De sua origem para cá, o curso sofreu diversas modificações, ampliando as suas habilitações e qualificando seus profissionais na área de saúde.

O Biomedico dispõe, hoje, de 53 especialidades, nas grande partes dos profissionais atua por trabalhar em laboratórios de análises clínicas, hemocentros, análises ambientais, indústrias, citologia oncológica, análises toxicológicas, imagiologia, acupuntura, biologia molecular, testes de DNA, reprodução humana e circulação extracorpórea.

Vale ressaltar, que a Faculdade São Luís é a única do Maranhão a oferecer o curso de graduação em Biomedicina formando profissionais humanizados, com bases críticas e reflexivas, prontos para atuarem em todas as áreas de atenção à saúde.

(98) 3214 6400
www.facsauluis.br



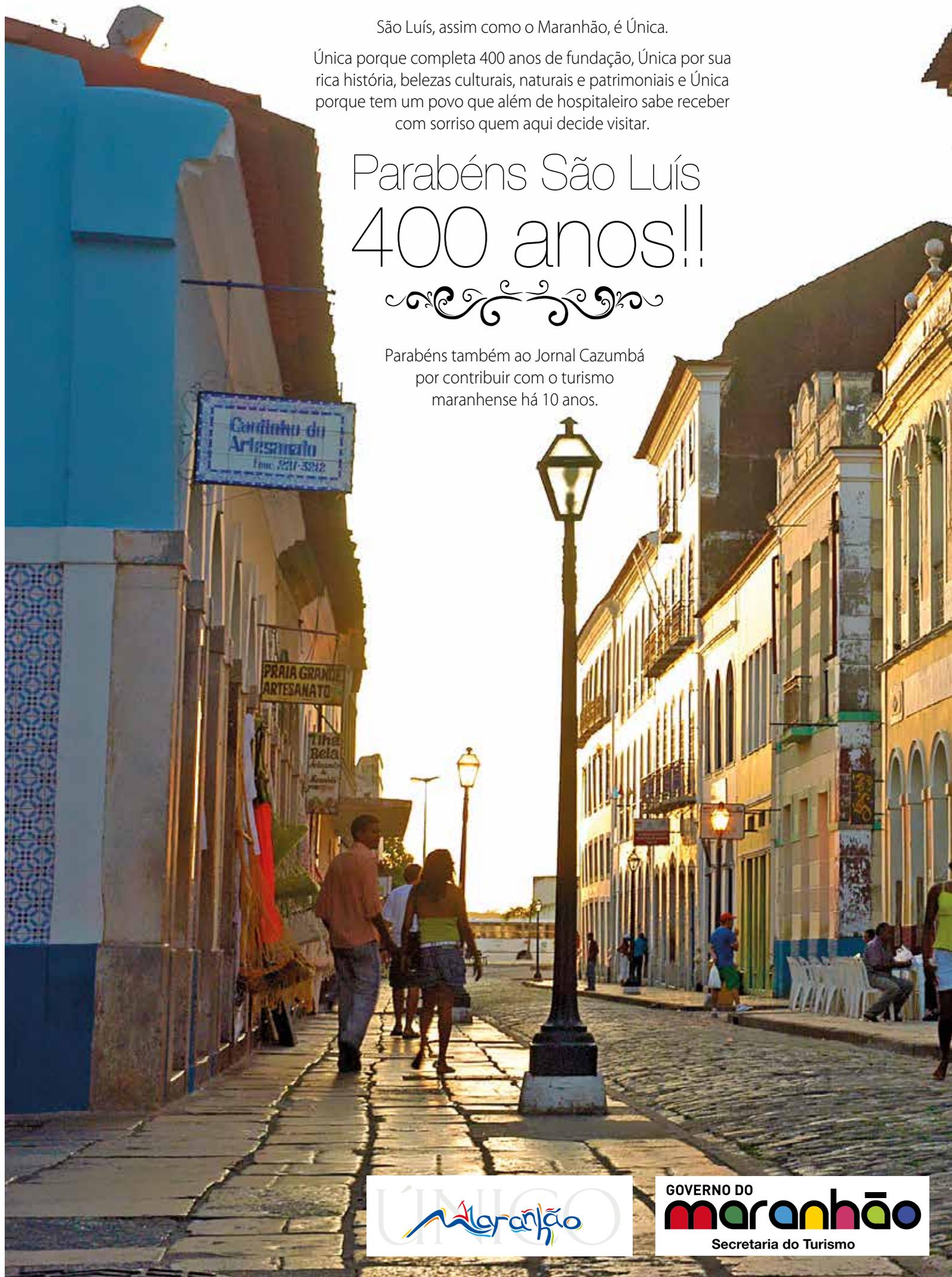
São Luís, assim como o Maranhão, é Única.

Única porque completa 400 anos de fundação, Única por sua rica história, belezas culturais, naturais e patrimoniais e Única porque tem um povo que além de hospitaleiro sabe receber com sorriso quem aqui decide visitar.

Parabéns São Luís 400 anos!!



Parabéns também ao Jornal Cazumbá
por contribuir com o turismo
maranhense há 10 anos.



Por: Paulo Melo Sousa

Diversidade religiosa marca a história da **quatrocentona São Luís**

No Maranhão, existe uma grande diversidade no que concerne às religiões e religiosidades, destacando-se, como no restante do país, o catolicismo, as religiões afro-brasileiras e o protestantismo. Existe, naturalmente, transversalidade em manifestações tão distanciadas quanto à prática, porém, interligadas através do sincretismo, que conta com o tempero da subjetividade, com nuances que invadem o campo político e cultural, delineando os limites da sociedade maranhense.

O interesse pela religiosidade, no estado, ensejou a realização de eventos relacionados ao assunto, motivados pelo interesse de grupos de estudos que surgiram no meio acadêmico. Em São Luís, na Universidade Federal do Maranhão - UFMA foram criados três grupos de pesquisa ligados a programas de graduação nas áreas das Ciências Sociais e da História, que norteiam as discussões a partir de incursões no universo da antropologia, sociologia e história. Dessa forma, já foram realizados dois seminários tendo como foco essa temática.

Em abril de 2011, aconteceu o II Seminário Religiões e Religiosidades, e os inúmeros trabalhos produzidos no evento, após seleção criteriosa, ensejou a publicação do livro *Missa, Culto e Tambor*, organizado pelos professores doutores Gamaliel da Silva Carreiro, Lyndon de Araújo Santos e Sergio Figueiredo Ferretti, lançado no dia 20 de agosto deste ano. A obra aborda assuntos bem atraentes, evidenciados através dos artigos publicados, dentre o quais se destacam, na área do catolicismo, "A riqueza das 'Religiões': O sequestro dos bens dos jesuítas no Maranhão (1760-1765)", de autoria de Nivaldo Germano; na área do protestantismo, "Intolerância religiosa no Maranhão: Disputas discursivas nos jornais da primeira metade do século XX", de Adroaldo José Silva Almeida; e na área das religiões afro-brasileiras, "Religiões afro-brasileiras em São Luís do Maranhão no século XIX: Entre práticas e representações", de Thiago Lima dos Santos.

A obra realiza prospecções descritivas e analíticas, com diferenciadas abordagens e níveis de profundidade, de acordo com o escopo de pesquisa de cada autor dos textos. Ao longo dos séculos, as religiões de matrizes africanas sofreram discriminação, oriundas da polícia, do catolicismo e da imprensa, sobretudo no início do século XX. Essa intolerância religiosa perdurou até 1988, quando os cultos afros se livraram da perseguição policial, embora a intolerância não tenha desaparecido de todo e ainda seja alimentada ainda hoje por alguns grupos evangélicos, que hostilizam os rituais do Tambor de Mina ou



do Candomblé. Embora o catolicismo seja mais tolerante, atualmente, com relação aos cultos afros, as autoridades católicas, contudo, evitam contato com as religiões de origem africana, vertente que é muito forte em São Luís.

A estimativa é que nos dias de hoje, existam cerca de mil a dois mil terreiros de culto afro de diferentes tendências na capital maranhense, sendo que essas religiões de origem africana não são praticadas apenas por afro-descendentes, encontrando-se disseminada entre descendentes de todos os grupos étnicos e em todas as classes sociais, destacando-se nesse contexto o Tambor de Mina, a cura ou pajelança e a umbanda, que se disseminou por aqui desde a década de 1950, misturando-se ao Tambor de Mina. Referindo-se ao sincretismo, percebemos o entrelaçamento das religiões afro com o espiritismo kardecista.

Como explica o antropólogo Sergio Ferretti, "existe uma corrente do espiritismo Kardecista, mais intelectualizada, que não se aproxima das religiões afro-americanas, a não ser pelo transe. O espiritismo kardecista não é religião de origem africana, mas de origem europeia, com elementos do hinduísmo. Muitos terreiros de umbanda e alguns terreiros de Mina realizam seções chamadas de "mesa branca", em que predominam elementos do espiritismo. Assim, o Tambor de Mina, a cura ou pajelança, a umbanda e o kardecismo

encontram-se mesclados. Talvez possamos comparar as distinções entre casas de Mina, de umbanda ou de cura no Maranhão, com as distinções igualmente sutis que, no meio acadêmico, existem, por exemplo, entre a Sociologia e a Antropologia. Outra distinção similar é a que existe na Igreja Católica entre as congregações ou ordens religiosas como Beneditinos, Dominicanos, Franciscanos, ou outros grupos mais modernos. Também podemos comparar esta diversidade com as diferentes denominações existentes nas religiões evangélicas e mesmo nas Pentecostais e Neo-Pentecostais, tão difundidas hoje em toda parte". Essa diversidade religiosa é um espelho, em última instância, da diversidade cultural já tão cultuada como elemento da identidade maranhense.

Perseguida no passado pela polícia e pelo catolicismo, infelizmente as religiões de matrizes africanas continuam sendo discriminadas, em razão "da crescente penetração das religiões neopentecostais e eletrônicas, interessadas em substituir crenças e tradições

da cultura local, impondo novas tradições (musicalidade, gosto, modo de vida) importadas de outros locais, com o pretexto de acabar com as superstições e a "macumbaria" e de fato criando outras dependências", como informa o professor Sergio Ferretti. Apesar da força das religiões de origem africana, em São Luís as opções religiosas são variadas, já existindo na cidade patrimônio da humanidade templos da Ordem Rosa Cruz, da igreja Messiânica, e de há muito se espalharam por vários bairros centros espíritas, e espaços nos quais se pratica a Seicho-No-Ie, a Gnose e até a Arte Mahicari, ainda pouco conhecida no Brasil.

A diversidade religiosa reflete o pluralismo, necessário em toda e qualquer sociedade que se pretenda democrática, diferentemente do que prega o discurso missionário oriundo de variadas crenças, em nome da preservação da identidade cultural maranhense, tão marcante em São Luís. Dessa forma, a intolerância religiosa, em todas as suas instâncias, é uma erva daninha que precisa ser arrancada pela raiz de forma permanente, em nome da liberdade de culto, prevista na Constituição brasileira.

Por: Anne Santos



Foto: Reginaldo Rodrigues

Complexo Portuário de São Luís movimenta a economia da cidade

A quatrocentona São Luís tem hoje um dos maiores complexos portuários do país, formado pelo Porto do Itaqui, que é administrado pela Empresa Maranhense de Administração Portuária (Emap); o Porto da Ponta da Madeira, responsabilidade direta da Vale; a Ponta da Espera, que é o ponto de ligação com a Baixada Ocidental Maranhense, e o Porto da Alumar, que atende à necessidade do complexo produtor de alumínio e alumina.

O Porto do Itaqui foi inaugurado em 4 de julho de 1974. Atualmente é gerido pela Emap, função que antes era da Companhia Docas do Maranhão (Codomar), que transformou o que era considerado o menor ancoradouro do país em um dos maiores portos brasileiros, importando e exportando, no ano de 2000, mais de 12 milhões de toneladas de cargas. Além disso, com base no suporte logístico do cais do Itaqui, foi possível consolidar o Complexo Portuário de São Luís (CPSL), com a construção dos terminais de uso privativo (TUP) da Alumar e Ponta da Madeira (Vale).

Hoje o Itaqui tem grande área de abrangência (hinterlândia), que compreende o estado do Tocantins, Piauí, sudoeste do Pará, norte de Goiás e nordeste de Mato Grosso. Os acessos ao porto são pela rodovia BR-135, pela rede da Companhia Ferroviária do Nordeste (CFN) e a Estrada de Ferro Carajás, bem como pelos rios Mearim, Pindaré, dos Cachorros e Grajaú.

ANTECEDENTES

A história do Porto do Itaqui é mais antiga. Estudos do extinto Departamento Nacional de Portos e Navegação, do Ministério da Viação e Obras Públicas, realizados em 1939, indicaram a região de Itaqui para a implantação de um novo porto no Maranhão. Isso ocorreu após serem abandonadas as tentativas de construção de instalações para acostagem (na Praia Grande) unidas ao centro comercial de São Luís, previstas no Decreto nº 13.133, de 7 de agosto de 1918, e definidas na concessão outorgada pela União ao governo estadual, pelo Decreto nº 13.270, de 6 de novembro do mesmo ano. Tal construção, embora com a execução contratada à empresa C.H. Walker & Co. Ltda., não prosperou.

Pelo Decreto nº 16.108, de 31 de julho de 1923, a aludida concessão foi extinta, surgindo, então, o desenvolvimento do projeto para o Itaqui. As obras em Itaqui foram iniciadas 37 anos depois (em 1960).

Em 1974, finalmente, o Porto do Itaqui entrou em operação, com um cais de 637 metros de extensão e três atracadouros. Atualmente, tem uma área de cais de 1,6 mil metro, com seis atracadouros.

FUTURO

Em março de 2010, o Porto do Itaqui foi inclu-

ído na lista dos sete mais importantes do Brasil na categoria Portos Nacionais Estratégicos, classificação elaborada pelo Governo Federal. Na oportunidade, a governadora Roseana Sarney afirmou que o Itaqui era o único porto público brasileiro reconhecido com o certificado ISO 9001 e que em 2016 - ano previsto para conclusão das obras no Canal do Panamá - ficará a apenas 23 dias de viagem de navio do Porto de Xangai, na China.

“O Corredor Centro Norte - que integra os estados do Maranhão, Piauí, Mato Grosso, Pará, Tocantins e Goiás - vai ganhar mais impulso com a implantação do Terminal de Grãos [Tegram], que deve entrar em operação em 2013 com capacidade para movimentar, inicialmente, 5 milhões de toneladas de grãos”, ressaltou a governadora, na ocasião. A perspectiva do Tegram, um projeto de R\$ 280 milhões, é movimentar até 15 milhões de toneladas no ápice de sua capacidade.

Além do Tegram, está em fase de conclusão a construção do berço 100 do Porto do Itaqui, e a Emap já anunciou a licitação, para ocorrer, ainda no segundo semestre deste ano, para a construção de mais um atracadouro petroleiro no Itaqui, o berço 108. Derivados de petróleo respondem por aproximadamente 50% das operações portuárias, geralmente realizadas nos berços 104 e 106.



Laboratório de Ensaios Físicos e Mecânicos do SENAI

Precisão e confiabilidade para a indústria maranhense

Consultoria em processo produtivo e ensaios laboratoriais em produtos das indústrias da **Construção Civil, Metal-Mecânica e Cerâmica Vermelha.**

(98) 3241-8607 | www.fiema.org.br

FIEMA SENAI

Por: Anne Santos

Bumba meu boi: patrimônio do Brasil

Não dá para falar de São Luís sem mencionar o Bumba meu boi. A manifestação folclórica mais autêntica do Maranhão é patrimônio do Brasil. O bumba meu boi recebeu o título de Patrimônio Cultural do Brasil concedido pelo Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), no dia 30 de agosto de 2011.

A proposta de tombamento foi apresentada em 2008 ao Iphan pela Comissão Interinstitucional de Trabalho, composta pela Superintendência Regional do Iphan e atual Superintendência do Iphan no Maranhão, Secretaria de Estado de Cultura, Fundação Municipal de Cultural, Comissão Maranhense de Folclore, Grupo de Pesquisa Religião e Cultura

Popular da Universidade Federal do Maranhão, representantes dos grupos de bumba meu boi dos sotaques da Baixada, matraca, zabumba, costa-de-mão, orquestra e de bois alternativos.

Antes da votação dos 22 conselheiros do Iphan, foi ressaltado na leitura do relatório pelo conselheiro Luís Phelipe Andrès que o bumba meu boi do Maranhão é uma celebração múltipla que congrega diversos bens culturais associados, divididos entre plano expressivo, composto pelas performances dramáticas, musicais e coreográficas, e o plano material, composto pelo artesanato, como os bordados do boi, confecção de instrumentos musicais artesanais, entre outros. Em todo seu universo, destaca-se também a riqueza das tramas e personagens.



Foto: Reginaldo Rodrigues

Cidade dos Azulejos,
Jamaica Brasileira,
Atenas Brasileira, Ilha do
Amor e agora também,
Capital da Hospitalidade.

Parabéns também ao Jornal Cazumbá por contribuir e lutar incessantemente pelo turismo maranhense

Uma homenagem da ABIH/MA aos 400 anos de São Luís e aos 10 anos do Cazumbá. PARABÉNS!

Por: Paulo Melo Sousa



Foto: Internet

A poesia perdida dos bondes de São Luís

Do que restou dos bondes, além dos trilhos que ainda teimam em desafiar o asfalto, é a poesia dos tempos idos. Ainda hoje, ao caminharmos pelo Centro Histórico de São Luís, aqui e ali afloram resquícios dos velhos trilhos que outrora suportaram os bondes que circularam pela capital maranhense. Em meados do século XIX, alguns portugueses intentaram viabilizar o transporte urbano através dos bondes, mas, a ideia não vingou. O transporte coletivo, até 1870, era individual ou para poucos privilegiados que se utilizavam de carruagens para se deslocarem.

A partir de 1º de agosto de 1871, um contrato com o empresário norte-americano José Maria Bernes, com autorização da Assembleia Provincial, trouxe para a cidade a Companhia Ferro-Carril que, ao importar trilhos dos Estados Unidos e instalá-los na cidade fez nascer em São Luís as linhas de bondes a tração animal, cujo funcionamento se iniciou a 1º de setembro de 1872.

O primeiro trajeto partia do Largo do Palácio, adentrava a rua de Nazaré, passava pelo Largo do Carmo, entrava pela Rua Grande, seguia pelo Caminho Grande, atingia o Alto da Carneira (onde hoje se localiza o viaduto do Monte Castelo), no qual se situava a sede da Estação Central da Companhia, e ia até ao Cutim. O serviço era precário, com atrasos constantes. A empresa recebeu apoio do governo e mudou de nome, passando a se chamar Ferro-Carril Maranhense, sendo então introduzida uma locomotiva a vapor no mesmo percurso. No dia 22 de janeiro de 1893 foi inaugurada a Estação do Anil, apelidada de maxabomba. Mesmo assim, os bondes a tração animal continuaram em funcionamento.

No início do século XX, foi feito um projeto

para melhoria da cidade. Em 1918, a empresa L. Griffith Williams, representante da South American and General Syndicate Ltda, de Londres, foi contratada para fornecer energia a São Luís, mas, não cumpriu o contrato. Os bondes elétricos entraram em cena apenas em 1924, na administração de Godofredo Viana. No dia 11 de setembro daquele ano, houve a primeira experiência com os bondes, onde um deles fez um pequeno percurso. A primeira viagem com passageiros ocorreu dois dias depois, a 13 de setembro. O carro era o de número 5, e nele viajaram o Presidente do Estado, Dr. Godofredo Viana e família, assim como altas autoridades locais e membros da empresa construtora.

Pouco tempo depois, a 30 de novembro de 1924, a população de São Luís começou a ter acesso aos bondes elétricos. A participação da Ullen Company foi decisiva. A companhia fornecia eletricidade, sem a qual o transporte não poderia funcionar. Com efeito, quem serviu como motorneiro do primeiro deles foi o engenheiro norte-americano Harry F. Isley, a quem se deveu a maior parcela de trabalho na instalação do sistema. O então diretor das obras públicas e fiscal do governo junto à Ullen, Sr. Brito Passos, realizou um discurso, na ocasião, saudando ainda os engenheiros Paul Campbell e Vítor Croyn, que também colaboraram na implantação desse tipo de transporte.

A população de São Luís, curiosa com a novidade, ficava à espera da passagem dos bondes, às vezes até tarde da noite. Em frente ao Cine Olímpia, na rua Grande, a concentração de populares era fora do comum, todos à espera do momento do espetáculo. O sistema, porém, não atendia à demanda. A linha tinha apenas 252 lugares para uma população de 60 mil habitantes.

Em 1947 a Ullen saiu de cena, quando foi criado o SAELTPA (Serviços de Água, Esgoto, Luz, Tração e Prensa de Algodão), que manteve os bondes elétricos até final da década de 1950. Deste órgão surgiu o Departamento de Transporte de São Luís, em 1959.

Os bondes mudaram os hábitos da população e alteraram o cenário urbano em vários pontos. Uma das justificativas para a demolição da igreja de Nossa Senhora da Conceição, que ficava na rua Grande, no local onde hoje se localiza o edifício Caiçara, é que o templo avançava um pouco em direção à rua, de tal maneira que o bonde passava rente a uma de suas paredes, constituindo perigo para os passageiros que ficavam no estribo da condução. Em decorrência disso, os motorneiros, quando os bondes se aproximavam da igreja, tocavam insistentemente um sino e gritavam aos passageiros: "Olha à direita, olha à direita", em sinal de alerta.

Na década de 1960, quando José Sarney foi governador, trouxeram do Rio de Janeiro a empresa Fontec, que afirmou que os bondes causavam transtornos ao tráfego de São Luís, proibiu, a princípio, a circulação de bondes nas avenidas João Pessoa e Getúlio Vargas e nas Ruas Rio Branco e Osvaldo Cruz; em seguida, foram desativadas todas as linhas da cidade.

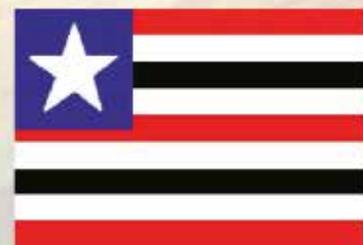
O último bonde circulou em São Luís em 1966, durante o natal. Atualmente, são muitos os que afirmam que a retirada dos bondes do cenário de São Luís foi atitude equivocada. A presença deles no Centro Histórico da cidade seria opção de solução para o caos no trânsito, além de atrair maior número de turistas. Existem projetos que sonham com o retorno dos bondes. Contudo, infelizmente, ainda não saíram do mofo dos papéis.



Cartório do 2º Ofício de Notas

Tabelião: Dr. Celso Coutinho
Substitutos: Dr. José Maria Pinheiro Meireles e
Gerson N. Coutinho

Com uma estrutura ágil e moderna para oferecer a você o melhor em serviços e plena segurança jurídica, escrituras, procurações, testamentos, reconhecimentos de firmas, autenticações, inventário, partilha, separação, divórcio e restabelecimento de sociedade conjugal



Rua da Direita, 402 - Centro • Tel: (98) 3232-8699 • 3221-2419 • Fax: (98) 3232-1810 - São Luís/MA

Por: Anne Santos

Ilha de muitos **cheiros e sabores**

A culinária local é motivo de orgulho para o maranhense. Pratos como arroz de cuxá, caruru, sururu, vatapá, casquinha de carangueijo, camaroadá e peixada maranhense são uma das maravilhas à base de frutos do mar que se pode encontrar na quatrocentona São Luís. Além disso, existem delícias à base de mandioca como o beiju, o bolo de macaxeira, o bolo de tapioca, o cusuz, os mingaus e a cachaça tiquira. Doces raros em outros locais do país como de frutas como bacuri, buriti, murici, jaca, goiaba e caju também fazem a mesa maranhense, que não pode deixar de ser apreciada.

Foto: Divulgação

**Cuxá, tradição maranhense**

Famoso pelo artesanato, músicas e festas populares, o Maranhão reserva verdadeiras preciosidades quando o assunto é culinária. Prova disso é o tradicional cuxá. Para quem não sabe, o que confere seu sabor característico é a vinagreira, verdura típica da região. A palavra cuxá nada mais é que uma adaptação dos maranhenses para o verbo *coucher*, que significa "dormir" em francês. Eles não conseguiam pronunciá-lo para expressar a forte

sonolência que o prato causava quando ingerido.

Como se pode ver, ele é pesado. Tanto que não há registros sobre seu valor calórico, mas a população local nem se preocupa. Acostumada à uma alimentação rica em vitaminas e extremamente saborosa, ela acredita que o importante é comer bem. E por falar nisso, a sugestão é que a iguaria – uma espécie de angu – seja servida com

peixe frito, torta de camarão ou mariscos e arroz branco.

A cozinha do Maranhão é bem eclética e variada por conta da forte influência indígena, portuguesa e africana. Seu ponto forte está em saber usar frutas regionais, condimentos, peixes e frutos do mar de forma incomparável. A farinha, em alguns casos, ainda produzida de maneira artesanal, é a base de quase todas as receitas ludovicenses.

Melodias saborosas

A fama do cuxá já lhe rendeu várias homenagens. Constantemente cantado por nomes da música popular brasileira, o prato virou, inclusive, faixa do CD Sotaque Maranhense na Arte de Cozinhar, de Wellington Reis e José Ignácio. A ideia do disco surgiu quando os amigos, estudiosos da culinária local, decidiram registrar, em forma de canção, as receitas mais tradicionais da região. Eles ensinam, de forma bastante original, a preparar delícias como o arroz de mariscos, a casquinha de carangueijo e o sururu no leite de coco.



São Luís uma terra de encantos, magia e poesias.

"Minha terra tem palmeiras, onde canta o sabiá"...

Em suas ruas e em seus becos a cultura pulsa nas batidas de seus tambores.

Terra imortalizada nos versos de seus poetas, a Jamaica Brasileira, a Terra do Bumba Meu Boi, São Luís do Maranhão lugar doce e suave onde Deus ao sétimo Descansou.

Uma homenagem singela do São Luís Convention And Visitors Bureau aos 400 anos da Capital do Maranhão.



Por: Paulo Melo Sousa

O carnaval na época áurea dos clubes sociais de São Luís

O carnaval maranhense era leve, espontâneo, com muita animação nas brincadeiras. A primeira manifestação carnavalesca que merece nota, em nosso país, foi o entrudo, no qual as pessoas jogavam maisena, água, tinta e várias outras coisas nos outros, o que gerava muita confusão. A prática também era comum em São Luís, embora fosse desaprovada por muita gente, principalmente pela classe mais abastada. Dessa forma, o carnaval começou a se tornar mais disciplinado, pomposo.

A partir desse momento, surgiram novos elementos, tais como os corsos, veículos que eram preparados especialmente para desfile público, com decoração específica. Os foliões se divertiam jogando nos pedestres e entre si lança-perfumes, confetes e serpentinas a partir desses carros alegóricos que desfilavam pelas ruas da cidade depois das 4 horas da tarde.

Muitas brincadeiras hoje extintas se multiplicavam na época, tais como o Baralho, a Caninha Verde, a Chegança, o Fandango, os Grupos de Urso. Os Blocos que hoje são denominados de tradicionais, e que estão em vias de se transformarem em patrimônio cultural imaterial praticavam os famosos assaltos carnavalescos, nos quais os foliões adentravam a casa de alguém e ali bebiam e comiam pra valer, sem que o dono da casa pudesse opor resistência. Pelas ruas, multiplicavam-se os fofões, os cordões de ursos e o cruz-diabo, personagens típicos do carnaval maranhense, e o famoso bloco de sujo, de cunho essencialmente popular, no qual o improvisado era predominante. Havia também as batalhas de confetes e serpentinas, que aconteciam em locais públicos, principalmente na Praça Deodoro.

Destacavam-se blocos como Fuzileiros da Fuzarca, da Madre Deus, e o Vira-Latas, do saudoso João Mouchereck e de Rui Habibe, dentre outros. Esse bloco, criado em 1933, frequentava as casas das pessoas nos assaltos e ainda os clubes sociais que então já existiam, como o Casino Maranhense e Grêmio Litero Recreativo Português. Havia os blocos só de mulheres, como o "É só pra olhar", e



"Os Sentenciados" e "Bando da Lua", compostos por rapazes.

Surgiram então os clubes, dentre os quais o Ate-nas Maranhense, na rua Afonso Pena, o de seu Quirino, na rua dos Afogados e Os Lunáticos, localizado na rua Grande, esquina com a rua de São João, que abrigavam os chamados bailes de segunda. Fervilhavam também os polêmicos bailes de máscaras, que fizeram muito sucesso, destacando-se nesse universo a figura ímpar de seu Moisés Silva. Além das bebidas, reinava nos salões o lança perfume ou rodó, como ele era mais conhecido por aqui. O extinto Cine Éden, na rua Grande, abria suas portas durante o carnaval para bailes populares, fazendo a alegria da moçada. A chamada alta sociedade frequentava os badalados clubes Casino Maranhense, Grêmio Litero Recreativo Português e o Jaguarema.

O Casino Maranhense funcionava num prédio situado na rua Grande, esquina com a antiga Travesa do sineiro, hoje Beco do Teatro. As festas eram realizadas na parte superior do imóvel, sendo que o assoalho era sustentado por inúmeras escoras, por conta do peso dos foliões. Não existia mesa no clube, apenas o bar e cadeiras de palhinha, que eram encostadas nas paredes para dar espaço às pessoas. Os blocos entravam nos salões e brincavam em

fila indiana. Do lado de fora, existia a antológica "turma do sereno", que ficava na calçada em frente à entrada do clube, fazendo comentários maliciosos acerca das roupas dos foliões que chegavam ao local. Todos chegavam ao baile em carros particulares ou nos quatro táxis disponíveis na praça, dentre os quais o de Astrolábio, conhecido taxista da época.

Mais tarde, o Casino foi para uma nova sede, na Avenida Beira-Mar, e ali findou seus dias. Mesmo assim, havia uma tradição durante o carnaval. Após o término da festa, na terça-feira de carnaval, os músicos saíam pelas ruas, tocando marchinhas, acompanhada pelos foliões. O grupo subia pela rampa do Palácio, passava pela praça Pedro II, seguia pelo Largo do Carmo e adentrava a rua Grande, parando finalmente no local da antiga sede, prestando reverência aos carnavais ali realizados outrora.

No Litéro e no Jaguarema, a animação era a mesma. Bandas como as de Nonato e seu Conjunto fizeram a alegria de muita gente, uniram muitos casais. Além das festas, sempre havia o momento da chegada do rei Momo e sua corte, além de desfiles carnavalescos que fizeram época. Os convites para as festas eram disputadas de forma acirrada, de tal forma que, após a lotação, a saída era dar um jeitinho para entrar nos clubes, seja pulando os muros ou escondidos na mala dos carros. Os amigos se reuniam antes das festas e, ao chegarem nos bailes, ficavam brincando em torno das mesas, como era prática comum entre os integrantes da famosa Turma do IACÉ, do Apeadouro, composta por Tonho Pão, Luís e Tadeu Cunha Lima, Pablo e Fábio Lima, Beбето Teles, Sérgio Sombra, João Carlos Gomes, Lucídio Santos, Marco e Marcelo Itapary, Nélson e Ivaldo Rego, Gustavo Marques, Rui Mendonça Cunha Junior, nosso querido Fuinha, Paulo Melo Sousa e tantos outros. Tempos em que a animação era o tom, sem brigas, sem confusões, e onde a amizade e a solidariedade marcavam o ritmo dos inesquecíveis carnavais que não voltam mais.

Foto: Reginaldo Rodrigues

São Luís é única.

Assim como é único este momento de transformações em que a cidade vive. Quem visita São Luís se encanta com sua história e cultura. É com orgulho que fazemos parte dessa comemoração. Parabéns à nossa cidade pelos seus 400 anos.

E não podemos nos esquecer da magia de São Luís transmitida nesses 10 anos nas páginas do Jornal Cazumbá. Parabéns!

ABAV Associação Brasileira de Agências de Viagens do Maranhão

Por: Paula Lima

Lendas do Maranhão

Dona ou Princesa Ina ou Sereia

Ina, Dona ou Princesa faz parte do Sebastianismo, como membro da corte do Rei Dom Sebastião. A princesa se desgarrou do grupo que habita na Ilha dos Lençóis e veio parar no Itaqui, onde fez morada nas profundezas do mar. Quando do início da construção do gigantesco Porto do Itaqui, a princesa Ina fez miséria. Os mergulhadores, apesar das tentativas, não conseguiam trabalhar no fundo do mar e, o pior, quando retornavam da água, ficavam malucos, fora os que nunca mais voltaram à tona em virtude dos monstros indescritíveis que avistavam no reino da princesa Ina. Conta-se que tentaram fazer o porto sem a devida permissão de sua guardiã, enquanto não pararam para lhe pedir as bênçãos e a licença para a construção, não foi possível realizar a obra. Para obter o consentimento, foi oferecido à princesa rodadas seguidas de tambor de mina e invocada suas entidades mineiras. Antes disso, nada feito. Quem descia era morte mais do que certa.

Fonte: Livro *Amostra do Populário Maranhense*, de José Ribamar dos Reis

Você Sabia????

Que... o Guaraná Jesus foi criado em 1927, num laboratório pequeno em São Luís, pelo farmacêutico Jesus Norberto Gomes e acabou virando um dos símbolos culturais do Maranhão. A curiosidade é que a bebida é cor de rosa.

Cazumbá Poético
Maranhão

Redescoberta de um Brasil cheio de encantos. Subindo, descendo ladeiras de um Patrimônio que é do Mundo. São Luís, Capital de poesia pura em cada casarão, em cada azulejo, em cada sacada, Janela aberta para a história preservada, Na Praia Grande, no Desterro, nas ruas de paralelepípedos que marcam um caminho traçado desde os primeiros colonizadores, a presença forte de um povo que revela a força das etnias formadoras do

povo brasileiro. Cidade Ilha, ilha cidade, circundada por praias que douram a pele de quem vive e de quem chega. Convite a um mar de emoções, de encantamentos, De ficar de bem com a vida. Maranhão que faz sentir uma Nova Descoberta de um Brasil surpreendente, Segredos guardados ao longo dos anos. Preservado, místico e plural que se descortinam em um cenário que faz sentir que o Paraíso existe. Descubra e viva o Maranhão!

Carlos Martins



Festival Viva: Uma homenagem aos 400 anos de São Luís

Como parte das comemorações pelos 400 anos de São Luís, a Fundação São Luís convenções e Eventos - São Luís Convention & Visitors Bureau realiza o projeto Festival de Música Viva 400: uma nova história da música popular maranhense. O Projeto tem a finalidade de prestar uma homenagem à cidade de São Luís, por meio de uma grande mobilização dos artistas maranhenses, buscando incentivar a cultura musical do Maranhão, revelar novos talentos, valorizar músicos, compositores, arranjadores e intérpretes.

Trata-se da segunda edição do famoso Festival Viva, movimento emblemático do cenário musical do Maranhão na década de 80, que deixou marcantes reflexos na produção cultural de São Luís. Na época (1985), o festival revelou e consagrou nomes como Fauzi Beydoun, César Teixeira, Rogério do Maranhão, Roberto Brandão, Inácio Pinheiro, Fátima Passarinho, Cláudio Pinheiro, Gabriel Melônio, Chiquinho França, entre outros, que tiveram a oportunidade de gravar seus trabalhos pela primeira vez e que hoje integram o primeiro time da música maranhense. Na época o vencedor foi César Teixeira, com a canção Oração Latina interpretada por Gabriel Melônio e Cláudio Pinheiro.

Para Nan Sousa, vice-presidente do São Luís Convention Bureau e coordenador desta segunda edição, o Viva de 2012 é a mais sublime forma de homenagear os 400 anos de São Luís. Segundo ele, o Festival Viva 400 será aberto a todos os gêneros musicais e as inscrições para participar já estão abertas e podem ser realizadas até o dia 10 de setembro.

"O Festival Viva foi um marco para a música e cultura maranhense e agora, 27 anos depois, ele renasce para permitir que outros talentos, como os descobertos nesse passado nem tão distante, também sejam revelados", disse Nan Sousa.

Ele ressalta que: "Historicamente os festivais de música revelaram grandes talentos da música popular maranhense. A carência de grandes eventos desse porte em São Luís, deve movimentar a classe artística."

Edição revista

Nesta nova edição comemorativa aos 400 anos da cidade, o Festival Viva vislumbra repercussão e impactos ainda mais significativos. Serão realizadas oito eliminatórias, duas semi-finais e uma grande

final, culminando com a produção de um CD e um DVD com as doze músicas finalistas, que serão alçadas ao cenário cultural nacional mediante um amplo plano de divulgação, atendendo assim a um antigo anseio da classe artística maranhense de ver a sua música conhecida e executada em todo o país.

Não se trata apenas de um Festival, mas de um conjunto de ações que envolvem a sociedade e sua história. De acordo com Nan Sousa, coordenador executivo do Projeto e vice-presidente do Convention Bureau de São Luís, o Festival está inserido num projeto de marketing cultural, com grande leque de abrangência. O Festival realizado pelo São Luís Convention & Visitors Bureau, foi aprovado pelo Ministério da Cultura e conta com o patrocínio da Vale e apoio do BASA (Banco da Amazônia), empresas que tradicionalmente valorizam produções culturais de reconhecida importância para o resgate e a perpetuação da memória cultural brasileira. Segundo Nan Sousa, a pretensão é de que o festival aconteça a cada dois anos.

Ele informou ainda que o Festival Viva 400 acontecerá em diversos locais e sua agenda prevê seletivas nos municípios de Ribamar, Paço do Lumiar, Raposa, além de bairros de grande densidade populacional de São Luís e em universidades. A grande final acontecerá em local de destaque na capital maranhense.

As inscrições para participar do Festival Viva 400 já estão abertas e vão até o dia 10 de setembro de 2012. Os interessados deverão preencher a ficha de inscrição disponível no site www.projetosviva.com.br e encaminhar as músicas em CD ou DVD ao escritório-sede do projeto (localizado na Av. Ana Jansen, 475), caso a inscrição seja efetuada pelo correio ou pessoalmente; ou em formato MP3, caso seja feita diretamente no site. As canções deverão ser acompanhadas de cinco cópias da letra de cada música.

De acordo com o regulamento, também disponível no site, cada participante poderá inscrever até três (03) músicas, indicando os respectivos intérpretes para cada uma delas, podendo o autor interpretar uma das três. Não existem restrições a gêneros musicais, mas as composições deverão ser inéditas e originais, tanto as melodias, quanto as letras.

Uma Comissão Especial, composta por profissionais da música, das artes e da área de

comunicação social, selecionará as 80 melhores canções para concorrerem no Festival. Em cada eliminatória serão apresentadas 10 músicas, e destas, três serão classificadas para as semifinais, totalizando 24 canções. A ordem de apresentação das músicas em todas as etapas do Festival será feita por sorteio. Haverá duas (02) semifinais com 12 músicas. Em cada uma delas, serão classificadas seis (06), totalizando doze (12) canções para a grande final. Os doze finalistas receberão o prêmio de incentivo no valor R\$ 1.000,00 (hum mil reais), além de concorrer aos prêmios e ao troféu VIVA 400.

Serão distribuídos R\$ 50.000,00 (cinquenta mil reais) em premiação, sendo R\$ 18.000,00 para o 1º classificado, R\$ 12.000,00 para o segundo, R\$ 8.000,00 para o terceiro e R\$ 7.000,00 para a canção mais votada pelo júri popular. O melhor intérprete vai receber R\$ 5.000,00. Além disso, cada compositor das 12 finalistas receberá 50 cópias do CD e 50 do DVD do Festival VIVA 400.

Se efetuadas pelo correio, as inscrições deverão chegar ao escritório-sede do Festival até o último dia de inscrição, não sendo considerada a data de postagem. As inscrições pelo correio deverão ser remetidas ao escritório-sede do FESTIVAL VIVA 400 - Av. Ana Jansen, N 475, Sala 07, Las Brisas Center, Bairro São Francisco, São Luís -MA, CEP 65.076-240. Mais informações no site www.projetosviva.com.br

A Grande Música

Além do Festival de Música Popular, os Projetos Viva 400 têm um outro produto: A Grande Música do Maranhão, que tem por objetivo a recuperação da memória musical da cidade Patrimônio Cultural da Humanidade. Para isso, será realizada uma pesquisa da memória coletiva da população, através de votação popular, com a curadoria de uma equipe especializada, que assim catalogará as 400 músicas mais relevantes desses 400 anos, que serão registradas em 20 CDs.

Além dessa ação, o projeto A Grande Música do Maranhão trabalhará na recuperação e transcrição das partituras mais importantes de compositores do período imperial do Maranhão, como os irmãos Leocádio, Alexandre e Antônio Rayol - os grandes homenageados do projeto - que terão suas obras publicadas em edição de luxo e que serão apresentadas ao público por uma orquestra de câmara especialmente formada para tal finalidade.